

Entre o lar e o algoritmo: tradwives e a disputa política nas redes sociais

RESUMO

Patrícia Marcondes de Barros
patriciamarcondesdebarros@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

Solange Juliano
solange.juliano@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

Isabelle da Silva Valente
isabella.silva@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

Talita Cardoso Almeida
talita.cardoso09@uel.br
Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

Priscila Cristina Miranda da Silva
priscila.cmirandasilva@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

O presente artigo tem como objetivo analisar o movimento de subcultura contemporânea denominado tradwives (“esposas tradicionais”), que vem ganhando visibilidade nas redes sociais digitais, e compreender suas implicações políticas e sociais no mundo contemporâneo. Por meio de pesquisa qualitativa bibliográfica, inicialmente, analisaremos o funcionamento desse movimento e sua influência na ascensão de discursos e práticas relacionados a ideologias de extrema-direita. Utilizaremos como referencial teórico Love (2020) e, posteriormente, abordaremos questões relacionadas à classe e à raça no contexto das quais se inserem as tradwives, bem como sua possível reverberação em práticas discriminatórias e supremacistas. Por fim, analisaremos os impactos do neoliberalismo e da tecnologia na ascensão desse movimento, cuja proposta ideológica se contrapõe às lutas históricas pela emancipação das mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Tradwives. Extrema-direita. Gênero. Interseccionalidade. Mídias sociais.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, analisaremos a subcultura contemporânea denominada tradwife, termo derivado do inglês traditional wife (“esposa tradicional”), que ganhou visibilidade nas redes sociais digitais. O movimento reúne mulheres que reivindicam a adoção de papéis de gênero tradicionais no casamento e no âmbito doméstico, valorizando a dedicação aos cuidados da casa, à criação dos filhos e ao bem-estar da família. Essa concepção de feminilidade frequentemente está associada à divisão tradicional dos papéis sexuais, na qual o homem assume a função de provedor e a mulher se dedica prioritariamente às atividades domésticas e familiares, podendo envolver, em determinados discursos, a submissão à autoridade do marido.

Nas redes sociais, especialmente no TikTok, as tradwives compartilham suas rotinas, práticas e concepções sobre família, maternidade e feminilidade, recorrendo, quase sempre, a uma estética que remete aos anos 1950. Ao apresentar o trabalho doméstico e a dedicação integral à família como escolhas desejáveis, o movimento constrói e difunde uma determinada concepção de feminilidade e de organização da vida familiar. O fenômeno ultrapassa a dimensão de uma opção individual de estilo de vida e pode ser compreendido como uma subcultura que articula discursos sobre gênero, família, trabalho e organização social, adquirindo diferentes significados e implicações no contexto das transformações políticas, econômicas e tecnológicas contemporâneas.

Serão discutidas práticas, valores e discursos desse movimento, bem como suas implicações políticas e sociais em um contexto de ascensão da extrema-direita, buscando compreender a influência da cultura sobre os indivíduos e as dinâmicas de poder relacionadas à reprodução de valores conservadores. Para tanto, a análise considerará, para se contrapor a essa tendência, as transformações sociais e culturais promovidas pelas diferentes ondas do feminismo, destacando aspectos fundamentais para a compreensão do objeto de estudo e abordando também a construção de papéis de gênero distintos na sociedade ocidental.

A partir dessas considerações, podemos formular questões relevantes acerca da crescente visibilidade de mulheres que compartilham, nas redes sociais digitais, suas rotinas como donas de casa e reivindicam formas tradicionais de organização da vida familiar. Como esse tipo de conteúdo alcançou ampla circulação e passou a atrair diferentes públicos? Quais valores, concepções de feminilidade e modelos de organização familiar são mobilizados por essas mulheres e difundidos por meio de suas performances nas redes sociais? De que maneira essas representações dialogam com discursos e valores associados aos movimentos de direita e à ascensão do conservadorismo contemporâneo? Essas questões também permitem investigar como a exposição do cotidiano doméstico, da maternidade, da aparência e do corpo feminino se articula às lógicas de visibilidade e mercantilização próprias das plataformas digitais. Assim, torna-se relevante compreender em que medida a padronização de determinados modelos de feminilidade pode contribuir para naturalizar papéis tradicionais de gênero e transformar a própria representação da vida doméstica e do corpo feminino em produtos passíveis de circulação, consumo e monetização nas redes sociais.

O conceito de “esposa tradicional” existe há décadas. No entanto, a visibilidade alcançada pelas tradwives contemporâneas em escala global está relacionada, em grande medida, ao uso estratégico das redes sociais digitais e à

atuação dessas mulheres como influenciadoras online. O movimento reúne mulheres que reivindicam valores associados a concepções tradicionais de família, gênero e divisão sexual do trabalho, muitas das quais se vinculam a posições políticas conservadoras e a perspectivas heteronormativas. Embora o movimento seja heterogêneo, parte de suas representantes é majoritariamente branca e pertence a grupos de maior poder aquisitivo, apresentando um estilo de vida marcado pelo consumo e pela disponibilidade de recursos econômicos para a dedicação integral ao trabalho doméstico e à família.

Em determinados segmentos do movimento, a defesa da chamada “família tradicional” articula-se à produção e à monetização de conteúdos de caráter antifeminista e, em alguns casos, a discursos xenófobos, antissemitas, racistas e contrários a pautas de direitos LGBTQIAPN+. Também é possível observar a apropriação de elementos do discurso feminista para apresentar a adesão a papéis tradicionais de gênero como uma escolha individual e uma forma de autonomia. Paralelamente, algumas influenciadoras estabelecem vínculos discursivos ou explícitos com setores da extrema-direita e com pautas conservadoras. A circulação desses conteúdos nas redes sociais pode ainda ser acompanhada pela utilização de hashtags e outras estratégias de visibilidade que reproduzem ou amplificam discursos racistas, xenófobos e antissemitas (Campo, 2022).

De acordo com Frank e Fuentes (1989), os movimentos sociais são mutáveis, tendo caráter cíclico. Essa perspectiva sugere que os movimentos sociais não são fenômenos isolados ou estáticos, mas sim respostas dinâmicas a contextos específicos de privação, desigualdade ou injustiça. Quando certas condições se manifestam — seja uma crise econômica, uma mudança no panorama político ou a emergência de novas ideologias —, grupos sociais se mobilizam em busca de ascensão, reconhecimento ou transformação. Com base nessa ideia, podemos entender o movimento tradwife como uma reação contrária ao feminismo e ao avanço das lutas sociais por direitos de minorias, como as mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+, exemplificado por leis e projetos que visam à inclusão e à igualdade.

AS TRADWIVES E A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA

A frase “bela, recatada e do lar” ganhou destaque no Brasil quando, em 2016, a então primeira-dama Marcela Temer foi apresentada à mídia por seu marido, Michel Temer, como exemplo de feminilidade discreta e tradicional. A expressão, embora não tenha sido cunhada oficialmente, foi rapidamente absorvida pelo discurso conservador e passou a representar uma métrica de comportamento “ideal” para as mulheres, reforçando estereótipos de submissão e domesticidade. Mais de uma década depois, observa-se, nas redes sociais, a ascensão de mulheres que voluntariamente aspiram a esse modelo de vida: o da dona de casa devotada ao lar e ao marido.

O que antes era apresentado em moldes locais e contextuais agora retorna com uma roupagem globalizada, por meio de uma estética “retrô digital” que remete aos anos 1950 e à idealização da “boa esposa americana”. Com a popularização das redes sociais, especialmente do TikTok e do Instagram, as tradwives passaram a constituir uma comunidade internacional que difunde e, muitas vezes, mercantiliza representações idealizadas da feminilidade tradicional.

Após a Segunda Guerra Mundial, houve um crescimento significativo no número de mulheres que exerciam exclusivamente atividades domésticas. No entanto, essa condição era majoritariamente acessível às mulheres brancas de classe média e alta, que contavam com o trabalho de outras mulheres, comumente negras, pobres e periféricas, para manter suas casas. Essa dinâmica de classe e raça se perpetua na atualidade: as influenciadoras tradwives geralmente pertencem a estratos privilegiados, enquanto a manutenção de seus estilos de vida continua dependendo do trabalho invisibilizado de outras mulheres.

As tradwives atuam como influenciadoras digitais que monetizam conteúdos baseados em uma vida doméstica idealizada. Muitas delas produzem vídeos em que aparecem cozinhando, cuidando dos filhos, decorando a casa e agradando o parceiro — tudo com uma estética cuidadosamente construída, remetendo à feminilidade branca, heterossexual, conservadora e cristã. Uma análise netnográfica conduzida por Hopner e Sykes (2024) observou 36 perfis de tradwives ao longo de 10 meses, identificando quatro principais eixos (ou “hólons”) que estruturam essa cultura online: devoção à maternidade, valorização do casamento heteronormativo, religiosidade cristã e culto à estética feminina “pura”.

Embora se apresentem como uma escolha pessoal, essas performances são marcadas por ideologias que reforçam papéis tradicionais de gênero, negam avanços feministas e promovem valores alinhados à extrema-direita. A recorrência de hashtags misóginas, racistas e xenofóbicas revela o engajamento explícito de algumas dessas mulheres com pautas reacionárias. Trata-se, portanto, de um fenômeno que vai além do estilo de vida: é um movimento que visa reconfigurar o lugar da mulher na sociedade contemporânea por meio da reafirmação de valores patriarcais e conservadores.

Na lógica neoliberal, essa escolha de ser esposa e dona de casa em tempo integral é apresentada como um ato de empoderamento individual. No entanto, esse discurso ignora as estruturas sociais e econômicas que limitam o acesso a essa “escolha” a uma minoria privilegiada. Para a ampla maioria das mulheres, especialmente as negras e periféricas, o trabalho doméstico é uma obrigação, não uma decisão autônoma ou romantizada.

O movimento revela também a força da mídia digital na construção de subjetividades femininas. A imagem da mulher perfeita, magra, branca, bem vestida, com a casa impecável e os filhos bem-educados, reforça um ideal inalcançável para muitas, ao mesmo tempo que cria demandas emocionais, estéticas e financeiras que aprisionam, e não libertam.

Diversas tradwives brasileiras têm ganhado projeção. A influenciadora Luiza Maciel, por exemplo, afirma dedicar-se integralmente ao lar, ao filho e ao marido, reforçando a ideia de que “ser dona de casa é um propósito”. Já Luiza Panucci, que se autodeclara uma trophy wife, compartilha vídeos com dicas de beleza, decoração, culinária e rotina doméstica para seus 30 mil seguidores no TikTok. Apesar da aparente leveza de seus conteúdos, há implicações profundas em suas mensagens, especialmente no que se refere à dependência econômica, à desigualdade de gênero e à romantização de ideais patriarcais.

Casos como o de Alice Bianchini, especialista em violência de gênero, alertam para os riscos dessa romantização. Ao abandonar a carreira para assumir o papel de dona de casa, muitas mulheres ficam desprotegidas legal e economicamente. Em situações de separação, doença ou morte do parceiro, a ausência de autonomia

financeira pode se converter em grave vulnerabilidade. A justiça brasileira ainda carece de dispositivos específicos que reconheçam e protejam integralmente o chamado “trabalho invisível” realizado por essas mulheres.

Não se trata, portanto, de condenar as escolhas individuais de mulheres que optam por viver no lar, mas de refletir criticamente sobre como essas escolhas são moldadas por estruturas de poder e por um discurso que pretende naturalizar desigualdades. O movimento das tradwives evidencia como as mídias sociais podem ser arenas não apenas de expressão, mas também de controle simbólico e de reprodução de normas opressoras.

TRADWIVES E A DIREITA E EXTREMA-DIREITA CONSERVADORA

O movimento das tradwives está entrelaçado com os discursos políticos da direita e da extrema-direita contemporânea. Não se trata apenas de uma estética ou de uma escolha pessoal de estilo de vida, mas de um fenômeno ideológico que atua no campo simbólico e político. As tradwives reproduzem, ainda que muitas vezes de maneira velada, valores e crenças que promovem a hierarquização de papéis sociais, a naturalização da desigualdade de gênero e a negação das conquistas históricas do feminismo e dos direitos das minorias.

Segundo Norberto Bobbio (1995), os conceitos de direita e esquerda não são fixos, mas variam de acordo com os contextos históricos. A direita moderada tende a conservar tradições, valorizar a desigualdade como “natural” e defender apenas a igualdade formal perante a lei. Já a extrema-direita caracteriza-se por movimentos e doutrinas antiliberais, autoritárias e anti-igualitárias, muitas vezes avessas à democracia como valor e método.

É nesse espectro ideológico que as tradwives se posicionam: promovem um retorno a papéis de gênero rigidamente definidos, reforçam a centralidade da família patriarcal e associam a figura feminina ao espaço privado, doméstico e do cuidado, frequentemente ancoradas em princípios religiosos e morais. De acordo com Abrão e Pereira (2024), essas influenciadoras utilizam a visibilidade das redes sociais para reforçar ideias conservadoras travestidas de escolhas pessoais, criando uma narrativa essencialista e biologizante dos sexos.

A retórica das tradwives é fortemente apoiada em valores cristãos tradicionais, especialmente evangélicos e católicos, o que amplia seu alcance entre mulheres religiosas. Essa estética e esse discurso religiosos, que incluem vestimentas recatadas, leitura literal da Bíblia e a ideia de servir a Deus por meio da obediência ao marido, são elementos centrais da chamada tradwife cristã, ou tradfundie. Como mostram Hopner e Sykes (2024), essa vertente do movimento incorpora ideias contrárias ao casamento homoafetivo, aos direitos trans, à imigração e à diversidade religiosa e étnica. A fé, nesse contexto, deixa de ser uma experiência espiritual e passa a ser instrumentalizada como aparato ideológico de exclusão e dominação.

De acordo com Hopner e Sykes (2024, p. 467):

As Tradwives Cristãs estavam firmemente centradas no lar como donas de casa por excelência. Coloquialmente chamadas de “mulheres fundamentalistas” ou “tradfundies”, sua estética era suave, feminina e acolhedora. Incorporavam textos bíblicos que influenciavam seu vestuário (modesto, muitas vezes com

coberturas para a cabeça e aventais), bem como suas atitudes diante da medicina moderna e de eventos sociais e políticos. Em seus extremos, revelaram antipatia por imigrantes, preconceitos em relação a minorias e rejeição a direitos LGBTQIAPN+.

A atuação dessas mulheres nas redes não se limita à representação de uma vida doméstica idílica, mas configura-se como estratégia de difusão de uma agenda política reacionária. Como demonstram Abrão e Pereira (2024), essas influenciadoras constroem um discurso que romantiza o retorno ao lar e à submissão feminina como “empoderamento”, ao mesmo tempo que atacam as pautas feministas, os movimentos antirracistas e as lutas LGBTQIAPN+.

É preciso destacar, ainda, que essa estética da tradição, em geral, oculta discursos xenofóbicos, racistas e supremacistas, amplificados pela lógica algorítmica das plataformas digitais. O uso de hashtags aparentemente inofensivas, como #homemaking, #stayathomewife ou #femininity, esconde, muitas vezes, conteúdos que propagam discursos de ódio travestidos de “valores da família”.

A convergência entre o ideal da mulher tradicional e os pilares da extrema-direita, como a defesa do nacionalismo, da ordem moral, da religiosidade conservadora e da masculinidade hegemônica, evidencia que o movimento das tradwives opera como vetor de normalização de discursos autoritários. Sua adesão a práticas performáticas de feminilidade tradicional não é apolítica; trata-se, ao contrário, de uma performance estratégica, alinhada a projetos políticos de regressão social e de fortalecimento das hierarquias patriarcais e raciais.

As tradwives não apenas refletem os valores da direita conservadora, mas atuam como agentes ativos de sua propagação, especialmente entre mulheres jovens, que são atraídas por uma estética cuidadosamente construída de pureza, delicadeza, amor romântico e cuidado. Essa estética, no entanto, oculta uma agenda profundamente reacionária, que visa conter os avanços das lutas por equidade e diversidade.

INTERSECCIONALIDADE CONTEMPORÂNEA

A interseccionalidade contemporânea é um conceito que auxilia na compreensão das complexas formas de opressão e privilégio na sociedade atual. Cunhada pela jurista e teórica crítica norte-americana Kimberlé Crenshaw na década de 1980, inicialmente para analisar as experiências de mulheres negras, a interseccionalidade se expandiu para abordar como diferentes marcadores sociais de identidade, como raça, gênero, classe social, sexualidade, deficiência, idade, religião, nacionalidade, entre outros, não operam isoladamente, mas se entrecruzam e interagem, criando experiências únicas de discriminação e vantagem. Ou seja, a interseccionalidade contemporânea reconhece que a experiência de uma pessoa não pode ser reduzida a uma única categoria de sua identidade.

Uma mulher negra pode enfrentar não apenas o sexismo por ser mulher, nem apenas o racismo por ser negra, mas uma forma específica de discriminação que emerge da interseção entre ser mulher e ser negra. Suas vivências e os desafios que enfrenta são distintos tanto dos de mulheres brancas quanto dos de homens negros. Uma pessoa LGBTQIAPN+ com deficiência pode enfrentar preconceitos e

barreiras que se somam e se intensificam devido à combinação de sua orientação sexual/identidade de gênero e de sua condição física ou mental. Um trabalhador idoso de baixa renda pode vivenciar a discriminação por idade, a precarização do trabalho associada à sua classe social e a falta de oportunidades devido à sua situação econômica.

Ao reconhecer as especificidades das experiências de grupos marginalizados, a interseccionalidade orienta a criação de políticas e programas mais inclusivos e direcionados, que realmente abordem as causas-raiz da discriminação e da exclusão. Movimentos feministas, antirracistas, LGBTQIAPN+ e de pessoas com deficiência, entre outros, incorporam a lente interseccional para garantir que suas lutas sejam verdadeiramente inclusivas e representativas das diversas vozes dentro de suas comunidades. Isso evita que as pautas sejam dominadas por grupos mais privilegiados dentro do próprio movimento. Apesar de suas aplicações e aceitação, desafios surgem na hora de traduzir a teoria interseccional em ações concretas e em políticas que consigam abranger a complexidade das intersecções.

Em relação ao tema abordado, é discutível a posição da mulher e é perceptível, a partir do que foi apresentado acima, que há uma diferença exorbitante no tratamento de mulheres brancas e negras. Chai (2023) expõe o fato de a mulher negra ser constantemente colocada em um lugar de desinteresse e invisibilidade e enfrentar barreiras significativas no mercado de trabalho, sendo frequentemente empurrada para as margens da sociedade.

Os fatores relacionados aos determinantes sociais alteram sensível e negativamente as possibilidades de equidade e as condições de vida digna das mulheres, que, por seus determinantes inerentes, são vulnerabilizadas e têm seu acesso à justiça e aos direitos sociais obstruído (Chai, 2023).

O gênero e a raça intensificam as estruturas sociais e os sistemas de poder. O fim da escravidão impôs à população negra a necessidade de recomposição social, configurando um novo agrupamento dentro da estrutura da sociedade pós-abolição. Nesse contexto, o patriarcado operou a naturalização da opressão feminina por meio da polarização e da comparação entre a mulher branca e a mulher negra. À mulher branca foi atribuída uma função social sacralizada, idealizada nos papéis de esposa e mãe, reforçando uma narrativa de pureza e domesticidade. Em contrapartida, a mulher negra escravizada foi reduzida à objetificação sexual, desumanizada e desprovida de agência sobre seu próprio corpo e destino, perpetuando um sistema de dominação que explorava sua sexualidade e sua força de trabalho.

Ainda que as lutas feministas tenham promovido avanços significativos na garantia da dignidade feminina, estruturas patriarcais e ideais opressores persistem na contemporaneidade. Observa-se, por exemplo, uma similaridade entre a ascensão do movimento tradwife, composto majoritariamente por mulheres brancas, e as contínuas barreiras enfrentadas por mulheres de baixa renda, frequentemente submetidas a trabalhos precarizados. Esse contraste evidencia a persistência de desigualdades interseccionais, nas quais privilégios raciais e de classe permitem a certas mulheres abraçarem ideologias conservadoras, enquanto outras seguem confrontando a precarização e a marginalização social.

A interseccionalidade contemporânea é, portanto, além de uma ferramenta analítica, um posicionamento político que nos instiga a observar para além das

categorias isoladas de opressão. Ela nos força a olhar para a teia complexa de interações entre diferentes marcadores sociais, revelando como privilégios e desvantagens se combinam e se moldam mutuamente e, assim, nos capacita a criticar de forma equivalente as estruturas sociais que compactuam com ideais burgueses e opressores.

NEOLIBERALISMO, TECNOLOGIA E MOVIMENTO TRADWIFE

A intersecção entre o neoliberalismo, as tecnologias digitais e o emergente movimento tradwife (traditional wife) revela uma complexa teia de influências e contradições. Embora, à primeira vista, esses elementos possam parecer díspares, uma análise mais aprofundada demonstra como o ambiente neoliberal e as ferramentas tecnológicas podem, paradoxalmente, catalisar e propagar ideais que parecem resistir à modernidade.

O neoliberalismo, com sua ênfase na individualização, na privatização e na desregulamentação, moldou uma sociedade na qual a responsabilidade pelo bem-estar e pelo sucesso recai primariamente sobre o indivíduo. Nesse contexto, a família é frequentemente vista como a unidade fundamental para a reprodução do capital humano e social, e as escolhas de vida, incluindo as relacionadas ao gênero, são apresentadas como decisões puramente pessoais, livres de constrangimentos estruturais. É nesse contexto que o movimento tradwife, que prega o retorno a papéis de gênero femininos mais tradicionais, encontra um solo fértil. Em vez de uma imposição externa, a adoção de um estilo de vida doméstico e submisso é muitas vezes reembalada como uma “escolha” autônoma e empoderadora para as mulheres, uma fuga do estresse e da competição do mercado de trabalho.

Naomi Wolf afirma que o culto à beleza e à juventude da mulher é estimulado pelo patriarcado e atua como mecanismo de controle social para impedir que sejam plenamente alcançados os ideais feministas de emancipação intelectual, sexual e econômica conquistados a partir dos anos 1970.

As tecnologias digitais, especialmente as redes sociais e as plataformas de vídeo, desempenham um papel crucial na proliferação e na ressignificação do movimento tradwife. Longe de serem meros canais neutros, essas plataformas são estruturadas por algoritmos que favorecem o engajamento e a polarização. Influenciadoras tradwives utilizam Instagram, TikTok e YouTube para criar conteúdos esteticamente agradáveis e aspiracionais, mostrando uma vida idealizada de domesticidade, maternidade e devoção ao marido. Essa representação digitalizada torna o estilo de vida tradwife não apenas visível, mas também desejável para um público amplo, especialmente para mulheres jovens. A monetização de conteúdos e a construção de marcas pessoais dentro desse nicho também demonstram uma adaptação do movimento às lógicas do mercado digital, no qual a “tradição” se torna um produto a ser consumido.

Contraditoriamente, o movimento tradwife, que, em sua essência, propõe um afastamento dos valores individualistas e orientados para o mercado, utiliza as ferramentas mais avançadas da economia digital para se propagar. As mulheres que abraçam esse estilo de vida muitas vezes se tornam empreendedoras digitais, vendendo cursos, e-books e produtos relacionados à vida doméstica. Isso cria um paradoxo no qual a rejeição do feminismo e da independência econômica feminina

é monetizada por meio das mesmas plataformas que oferecem autonomia e visibilidade. Assim, o neoliberalismo não apenas permite a coexistência desses ideais, mas também os absorve, transformando a “tradição” em mais um nicho de mercado e as “donas de casa” em influenciadoras.

Em suma, a relação entre neoliberalismo, tecnologia e o movimento tradwife é simbiótica. O neoliberalismo oferece um arcabouço ideológico que permite a ressignificação da submissão como escolha individual. As tecnologias digitais atuam como amplificadores poderosos, permitindo que esses ideais alcancem um público global e sejam monetizados. O resultado é um fenômeno no qual o “tradicional” se moderniza, utilizando as ferramentas do presente para propagar uma visão do passado, tudo dentro da lógica de mercado que define nossa era.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa análise, compreende-se que o movimento tradwife se revela como um fenômeno contemporâneo que transcende a mera escolha de um estilo de vida. É válido relembrar que a modernidade não promoveu uma ruptura com os contextos de exploração, opressão e discriminação. Pelo contrário, as relações sociais desiguais coexistem e se manifestam de forma evidente em fenômenos como o racismo, a xenofobia e a hierarquização de poderes. A disparidade social entre os sexos e entre as raças é atestada pela admiração excessiva de uma parcela social (burguesia e tradwives) em detrimento da exploração de um grupo marginalizado (mulheres negras), revelando a continuidade de um ciclo opressivo inerente ao legado colonial.

A ascensão desse grupo no cenário de apoio à extrema-direita e em oposição direta aos avanços do feminismo e das lutas por direitos das minorias o posiciona como uma resposta reacionária. Essa dinâmica é impulsionada por intrincadas relações de poder que buscam, a todo custo, fortalecer o conservadorismo. Sua disseminação e influência nas mídias sociais dizem respeito à monetização de rotinas e à propagação de ideologias abertamente antifeministas, racistas, xenófobas e anti-LGBTQIAPN+, que configuram uma deliberada estratégia de controle social e de padronização de gênero.

Compreender o movimento tradwife é, portanto, essencial para desvendar as complexas interações entre cultura, política e sociedade e para analisar como certas narrativas e performances, mesmo que se camuflam sob o manto da tradição, operam na mercantilização do corpo feminino e na manutenção de estruturas de poder hegemônicas.

Between home and the algorithm: tradwives and the political struggle on social media

ABSTRACT

This article aims to analyze the contemporary subcultural movement known as tradwives (“traditional wives”), which has been gaining visibility on digital social media platforms, and to understand its political and social implications in the contemporary world. Through qualitative bibliographic research, we will initially analyze the functioning of this movement and its influence on the rise of discourses and practices associated with far-right ideologies. Love (2020) will serve as a theoretical reference, and we will subsequently address issues related to class and race within the context in which tradwives are situated, as well as their potential resonance in discriminatory and supremacist practices. Finally, we will analyze the impacts of neoliberalism and technology on the rise of this movement, whose ideological stance runs counter to the historical struggles for women's emancipation.

KEYWORDS: Tradwives. Far-right. Gender. Intersectionality. Social media.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Jorge Antônio de Moraes. PEREIRA, Gabriela Agostinho. Trad Wife: Performatividade e Controle do Corpo no Tik Tok. ABCiber, IV Encontro Virtual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Cibercultura, publicado online em 20-21 de junho de 2024, vol 1, pg 1 - 23.

BOBBIO, Norberto. Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

CAMPO, Félix del. Novas Guerras Culturais: Tradwives, Fisiculturistas e o Neoliberalismo da Extrema Direita. Revista Sociologia Crítica, Publicado pela primeira vez online em 9 de julho de 2022, vol 49, edição 4-5. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/08969205221109169>

CHAI, C. G. et al.. Interseccionalidades da escravidão contemporânea da mulher negra à luz do pensamento decolonial: trabalho, determinantes e desigualdades sociais. Cadernos EBAPE.BR, v. 21, n. 3, p. e2022-0068, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120220068>

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. Stanford Law Review, 1991, vol. 43, nº 6, pp. 1241-1299.

CORREA, E. H. DE A. et al.. 10 anos de (r)existência da política nacional de saúde integral LGBT: uma revisão integrativa. Ciência & Saúde Coletiva, v. 30, p. e05982023, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320242911.05982023>

FRANK, A. G.; FUENTES, M.. Dez teses acerca dos movimentos sociais. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 17, p. 19-48, jun. 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451989000200003>

HOPNER, Veronica. SYKES, Sophia. Tradwives: Influenciadores de mídia social de direita. Revista de Etnografia Contemporânea, publicado online em 18 de abril de 2024, volume 53, edição 4. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/08912416241246273>

LOVE, Nancy S. Shield Maidens, Fashy Femmes e TradWives: Feminismo, Patriarcado e Populismo de Direita. Revista frontiers, publicado em Departamento de Estudos Governamentais e de Justiça, Appalachian State University, Boone, NC, Estados Unidos, volume 5, 22 de dezembro de 2020.

Disponível em:

<<https://www.frontiersin.org/journals/sociology/articles/10.3389/fsoc.2020.619572/full>>

PAIVA, Thais. Quem é Malala Yousafzai? A prêmio Nobel em suas próprias palavras. Portal Educação Integral, 2018. Disponível em:

<https://educacaointegral.org.br/reportagens/quem-e-malala-yousafzai-a-premio-nobel-em-suas-proprias-palavras/?gad_source=1&gad_campaignid=434136132&gbraid=0AAAAADiXWOR6Mp2fTbDxS7_zLKW1Dyy6J&gclid=Cj0KCQjwXo_CBhDbARIsADWpDH6jw55En97oG5TK14kDCDI55a94t4xoHw_rASXYH3t90VoYnV3QeDYaAh5PEALw_wcB>.

WOLF, Naomi. O mito da Beleza, Ed. 18, Editora Rosas dos tempos, 1991.

Recebido: 27 jul. 2025.

Aprovado: 29 set. 2026.

DOI: 10.3895/rde.v17n29.20607

Como citar: Barros, PM; Juliano, S.; Valente, I.S.; Almeida, T.C.; Silva, P.C.M. Entre o lar e o algoritmo: tradwives e a disputa política nas redes sociais. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 17, n. 29, p. 22-33, jul./dez. 2026. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

